

Leitores portugueses de Estácio: um incunábulo na BN (INC 478)*

Ana Lóio**

A Biblioteca Nacional de Portugal preserva um incunábulo que contém as obras comentadas de Estácio¹, o grande épico contemporâneo de Domiciano. Além da *Tebaida* e da inacabada *Aquileida*, o poeta compõe ainda uma obra considerada menor, as *Silvas*, coleção de poemas ocasionais dirigidos a figuras da aristocracia italiana e ao próprio *princeps*. A história deste incunábulo confunde-se com a da descoberta das *Silvas*, no período entusiasmante da redescoberta dos clássicos, e são intervenientes algumas das maiores figuras do humanismo italiano, como Poggio Bracciolini, Domizio Calderini e Angelo Poliziano. Trata-se de uma edição veneziana de 1483, da oficina de Ottaviano Scoto, que encerra, além das obras de Estácio acompanhadas de comentário — sendo o das *Silvas* da autoria de Domizio Calderini —, uma breve *Vita Papinii*; perderam-se os fólios que continham a epístola de Safo (atribuída a Ovídio), acompanhada do comentário de Calderini, e a exegese, também daquele filólogo, de alguns passos do livro terceiro de Propércio. Esta edição, como veremos, nasce do entusiasmo gerado pelas *Silvas*, que depressa se tornam, em Itália, tema de comentários e lições dos mais prestigiados filólogos. Interessa, pois, situar o incunábulo na história da transmissão das *Silvas* e averiguar o teor das suas profusas anotações, na esperança de que forneçam pistas sobre o impacte desta descoberta.

* Dirijo um sincero agradecimento aos colegas que gentilmente se disponibilizaram para apoiar este trabalho, e sem os quais ele não teria sido possível: Marcello Moscone, Ana Maria Tarrío, Ana Cristina Costa Gomes, Rossana Guglielmetti e Robert Edwards.

** Universidade de Lisboa: Centro de Estudos Clássicos | analioio@campus.ul.pt

¹ ISTC is00691000, Mendes (1988: 335, § 1186), Mendes (1995: 475, § 1666).

1. Redescobertas

As épicas de Estácio gozaram de uma extraordinária fortuna², de que constitui simbólico testemunho ter cabido ao poeta a honra de guiar Dante no Purgatório; o mesmo não se pode dizer das *Silvas*. Se numerosos ecos atestam a sua popularidade no tempo de Ausônio, Claudiano e Sidónio Apolinar³, isto é, nos séculos IV e V d. C., além de uma duvidosa reminiscência, não há mais indícios de leitura das *Silvas* até ao Renascimento (constitui excepção a este vazio a *Silva 2.7*, o *Genethliacon* de Lucano, que gozou de uma circulação autónoma). Depois de terem andado perdidas durante séculos, as *Silvas* sofreram séculos de preconceitos. O teor vincadamente panegírico das composições, e em particular das dedicadas ao *princeps*, explica, em grande medida, que a colecção tenha despertado pouca atenção crítica até quase ao final do século XX. Agora, pelo contrário, as *Silvas* estão “na moda”, ainda que tal se deva, pelo menos em parte, ao interesse de uma corrente de intérpretes que procura reabilitar o poeta descobrindo nas entrelinhas dos panegíricos uma linha de crítica ao imperador⁴. Mas esta “moda” não constitui novidade; consiste, afinal, em uma redescoberta. Neste sentido, reproduz um movimento que se deu no século XV, originado pela descoberta, em 1417 ou 1418, em um mosteiro da zona do Lago Constança, de um manuscrito que continha, entre muitos outros textos, as *Silvas*.

A descoberta das *Silvas* não é um acontecimento isolado. Poggio, secretário papal, encontra-se no Concílio de Constança nos anos de 1414-1417, durante os quais procede a diversas expedições em busca de manuscritos antigos, das quais resultou uma incrível lista de achados: *De Rerum Natura* de Lucrecio, vários discursos de Cícero, a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, as *Argonáuticas* de Valério Flaco, o *Astronomicon* de Manílio, os *Punica* de Sílio Itálico, a *História* de Amiano Marcelino, o *De Re Rustica* de Columela – para nomear apenas alguns tesouros. Poggio manda fazer uma cópia do manuscrito que contém as *Silvas* e envia-a a Francesco Barbaro (Veneza), solicitando que a faça chegar a Nicolò Niccoli, que se encontrava em Florença. Este era um grande apaixonado pelos clássicos; diz-se que a sua biblioteca só era suplantada pela de Cosimo de’ Medici, esta sim a melhor da Europa. A propósito de tal etapa, decisiva, da história da sobrevivência das *Silvas* é fundamental mencionar um famosíssimo – e arrepiante – comentário que

² Sobre a tradição manuscrita das obras de Estácio ver breves sínteses em Gibson (2006: I-III), Coleman (1998: xxxii-xxxiv) e Reeve (1983) com bibliografia; para uma catalogação exaustiva de manuscritos, incunábulo e edições impressas ver Anderson (2009).

³ Vollmer (1898: 32-33).

⁴ Sobre este problema ver Newlands (2012: 16-44).

Poggio faz na carta que envia a Barbaro juntamente com o manuscrito. Desabafa Poggio que o escriba germano responsável pela cópia é *ignorantissimus omnium uiuentium*. É que é desta péssima cópia que deriva o texto das *Silvas* que hoje lemos. Este manuscrito, que apresenta anotações marginais de Poggio e Niccoli, encontra-se actualmente na Biblioteca Nacional de Madrid⁵.

2. A edição e o comentário: Calderini e o estudo das *Silvas*

Florença, 1430. Poggio escreve a Niccoli, exigindo que lhe devolva o manuscrito das *Silvas*; Niccoli tinha vindo a impedir o estudo da obra⁶. Poggio, nomeado chanceler da República de Florença, aí se instala em 1453; não há vestígios de que o texto de Estácio tenha circulado antes. Em 1472 foi publicada em Veneza a primeira edição das *Silvas*, anónima, feita com base em uma má cópia do manuscrito de Madrid⁷. Mas aquela que haveria de tornar-se a “vulgata” da obra é uma edição comentada da autoria de Domizio Calderini, de que a Biblioteca Nacional de Lisboa preserva um exemplar: o incunábulo 478.

Calderini foi nomeado professor do *studio* de Florença em 1470, com apenas 25 anos⁸. É tal a importância do humanista que se fala em comentários pré – e pós – Calderini⁹. O facto de o seu comentário ter sido impresso atesta o impacto dos seus estudos na cultura universitária romana. O mesmo se diga da ocorrência do nome de Calderini em cada página da sua edição de Marcial (1475); e o filólogo protagoniza, ao lado de Estácio, o *incipit* das *Silvas*, além de ser nomeado no início do comentário a cada poema da colecção. Nas palavras de Fera, que vê nas *Silvas* de Calderini o triunfo da filologia nos anos 70, a obra consagra em simultâneo o autor e o intérprete¹⁰. As lições de Calderini sobre as *Silvas* decorreram entre 1470 e 1473 e o seu interesse pela obra terá contribuído para estimular o de Poliziano. Este dará um curso sobre o tema por volta de 1481-1482 e dedicar-se-á à exegese da obra de Estácio com um sucesso extraordinário¹¹. Ao optar por leccionar sobre Estácio, em detrimento de clássicos como Vergílio, Calderini e Poliziano, impulsionaram, de forma decisiva, a circulação e o estudo das *Silvas*.

⁵ O manuscrito foi levado para Espanha. Em 1757 faz parte da colecção do conde de Miranda, Don Antonio López de Zuniga y Chaves Chacón. Foi vendido à Biblioteca Nacional (Biblioteca Real). Outra etapa importante é a sua “redescoberta” por G. Loewe em 1879; Clark (1899) identificou-o com o manuscrito de Poggio. Gibson (2006: I-ii), Coleman (1998: xxxii-xxxiv).

⁶ Ver 27.V.1430, Lettere 38 = 2.155-156 Hart *apud* Abbamonte (2003: 133-134).

⁷ Abbamonte (2003: 134).

⁸ Fera (2002: 73-74).

⁹ Abbamonte (2003: 135, n. 8).

¹⁰ Fera (2002: 74).

¹¹ Edição: Martinelli (1978). Com Coleman (1998: xxxii-iii).

3. O incunábulo 478 da Biblioteca Nacional no contexto da redescoberta das *Silvas*

3.1 Interesses dos leitores

As profusas anotações preservadas no incunábulo da BN são fruto daquele estímulo. Lamentavelmente, não possuímos informações sobre o percurso do exemplar até chegar à Biblioteca Nacional; não há indicações que nos conduzam a antigos possuidores. Os espaços em branco deixados para as maiúsculas iniciais atestam que o incunábulo se encontra inacabado. Além disso, o incunábulo perdeu a folha de rosto, boa parte dos últimos cadernos (n^o e n^o) e o cólofon; assim, restam as três obras de Estácio, acompanhadas de comentário, e uma breve biografia do poeta. As obras de Estácio não foram lidas com um interesse uniforme: as notas de leitura concentram-se em determinadas partes das épicas e em alguns poemas das *Silvas*, sendo da responsabilidade de diversas mãos. O presente estudo restringir-se-á às anotações feitas às *Silvas*.

No que respeita às notas marginais das *Silvas*, é possível distinguir duas mãos¹². Estas datarão do final do século XV ou do início do século XVI, ou seja, são muito próximas da data de edição do incunábulo, 1483. As mãos não são italianas; um dos especialistas avança com segurança que se trata de mãos ibéricas. O escriba principal é responsável por profusas anotações marginais e também por diversos desenhos; são ainda de sua autoria as anotações, meramente pontuais, em grego¹³. As notas reproduzem ou abreviam indicações dadas no comentário; é ainda frequente que uma palavra assinale, à margem, o local do comentário que a explica: “Hesperia” (c iii 1r), “pater Statii qualis” (k iii 2r), “antra Ciclopum” (k iii 2v). A identificação de figuras mitológicas, locais, acidentes geográficos é frequente: “Vulcanus rex ignis” (c ii 1v), “Matrodidactus quis” (k iii 3v), “taxus arbor dira” (k iii 2r), “Demodecus coecus citharoedus” (h i 1v), “Claudia uxor Papinii” (g iii 3v), “Laodamia uxor Protesilai” (g iii 3v). Muitas vezes copia-se à margem um termo e o seu sinónimo: “unda vaga” (c iii 1r), “tersum nitidum” (c iii 3v), “labra uasa” (c iii 1v). Encontramos igualmente comentários de índole etimológica, como por exemplo “tersum a tergo” (c iii 3v). Um leitor anota também sinónimos de termos gregos em latim. É o caso de uma das anotações à *Silva* 4.2, poema intitulado “Epulum Domitiani Eucaristicon”: a explicar o título lê-se em grego à margem *ευχαριστω* [sic] e, por baixo, a expressão latina “gratias ago” (h i 1v); em outro local, oferece-se um sinónimo latino para o grego *αδορειον* [sic] (c iii 2r). Também são reproduzidas frases

¹² Verifica-se ainda a intervenção pontual de uma mão que, por ser tardia, não considerei neste estudo (ver b iii 4v).

¹³ São elas (em forma normalizada): γενέθλη (c iii 4 r), χιρονομία (g iii 3v), εύχαριστώ [sic] (h i 1v), αδορειον [sic] (c iii 2 r). Sobre a questão do conhecimento e do ensino do Grego em Portugal ver Tarrío (2009: 163-167).

do texto estaciano. Estas são isoláveis, a meu ver, como *sententiae*: o leitor sublinha-as e reproduz-las à margem no contexto de um desenho ou criando uma moldura, como que um adorno. É o caso da frase que inicia a epístola de Estácio a Abascanto, a que um editor póstumo deu a serventia de prefácio do livro 5: *Omnibus affectibus prosequenda sunt bona exempla cum publice prosint* (i iii 2v). No mesmo fólio é seleccionada outra frase daquela epístola: *qui bona fide deos colit amat et sacerdotes* (i iii 2v). Mas a maioria das *sententiae* são versos ou partes de versos. Refiro, a título de exemplo, “quid enim deterret amantes?” *Silv.* 3.5.46 (g iii 3v), “sed habent et numina legem” *Silv.* 3.3.53 (f iii 4v), “sileant peiores murmura famae” *Silv.* 1.4.14 (b iii 4v).

No que respeita aos leitores das *Silvas* quase contemporâneos da edição em causa, é particularmente estimulante notar que existe uma assinalável desproporção na quantidade de notas marginais aos poemas. Parece-me que tal assimetria espelha o interesse dos leitores deste incunábulo pelas composições das *Silvas*; a concentração das notas em torno de algumas composições poderá sugerir, pois, algumas conclusões. Os poemas mais anotados são:

- (a) *Silva* 1.5, sobre as termas de Cláudio Etrusco (c ii 1v-c iii 1v);
- (b) *Silva* 1.6, sobre as Saturnais (c iii 2r-3v);
- (c) *Silva* 3.5, dirigida à esposa de Estácio, com o intuito de a persuadir a regressar com o poeta à sua terra natal, Nápoles (g iii 3r-4v);
- (d) *Silva* 4.2, um poema que celebra a participação de Estácio num banquete na casa imperial, a convite do próprio Domiciano (h i 1v-h ii 1r);
- (e) *Silva* 4.7, uma ode em metro sáfico dirigida a Víbio Máximo (i ii 1r – i iii 1r);
- (f) *Silva* 5.3, um epicédio assinalando a morte do pai do poeta (k iii 2r-l ii 2r).

Dois destes poemas, as *Silvas* 3.5 e 5.3, não podiam senão despertar grande curiosidade num momento em que Estácio é “redescoberto”, ou pelo menos em que se descobre uma dimensão da personalidade de Estácio que as épicas não deixaram antever. Trata-se de composições de óbvia importância para quem se interessa pela biografia do poeta. Ainda hoje, o interesse de tais textos ultrapassa largamente o domínio literário e biográfico; eles constituem valiosos documentos culturais. Ora, na *Silva* 3.5, desejando persuadir a esposa de que o regresso a Nápoles é um projecto favorável para a família, Estácio faz o panegírico da cidade e dos seus arredores, obviamente recorrendo aos tópicos tradicionais; e vai caracterizando a esposa e a filha, comentando os dotes de uma e de outra, o companheirismo e cumplicidade da primeira, o candor juvenil da segunda, prendada, em idade núbil. O ambiente cultural napolitano, os seus monumentos, o teatro, os

atractivos das cidades que rodeiam o golfo de Nápoles – tudo isto ajuda a situar Estácio em um momento histórico-cultural¹⁴. O mesmo se diga da *Silva* 5.3, o epicédio em honra do pai do poeta, uma eminente figura napolitana. O pai de Estácio era um prestigiado professor de literatura, procurado pelos jovens das famílias endinheiradas do sul da Itália; Domiciano poderá ter estado entre os seus alunos¹⁵. Com o intuito de celebrar a erudição do pai, Estácio elenca os poetas que aquele comentava nas suas aulas e refere-se às actividades que um poeta e professor profissional desenvolvia. Deste modo, torna a *Silva* 5.3 um testemunho precioso sobre estudo, ensino e composição profissional de poesia na Itália do século I d. C.; por isso, hoje em dia, este é um dos poemas das *Silvas* mais estudados fora do âmbito da literatura¹⁶. Mas é claro que os comentários de índole pessoal perpassam pelo poema. Estácio esforça-se por vincar a grandiosidade da herança que o pai lhe deixa; ao falar da vida do pai, vai necessariamente identificando etapas da sua.

Àquelas duas composições de teor fortemente biográfico pode juntar-se, a meu ver, a *Silva* 4.2. Afinal, esta retrata uma experiência do poeta, e uma das que mais terão contribuído para aumentar o seu prestígio. Um convite para a casa imperial constituía a maior das honras; Estácio diz ter até avistado o próprio Domiciano. Julgo que tal episódio possui uma importância negável para quem se sente atraído pelo estudo das factas desconhecidas do poeta – e não menos sobressai por entrar no universo de Domiciano, o feroz perseguidor dos judeus.

A atenção suscitada pela *Silva* 4.7 justifica-se, a meu ver, de forma semelhante. É, em parte, um poema sobre poesia, e sobre a poesia de Estácio. A *Silva* 4.7 é uma de duas composições em metro sáfico que integram a colecção. Estácio dedica o poema a Víbio Máximo. A forma de abordar o destinatário dá azo a que o poeta discorra sobre os seus projectos literários. Estácio declara preparar-se para compor uma poesia mais ambiciosa, que lhe exige que beba, como fiel calimaquiano, de uma fonte mais pura; Víbio Máximo constitui, para o poeta, fonte de inspiração. As notas marginais a este poema são uma verdadeira lição sobre lírica. O leitor assinala o momento em que o comentário se centra em Píndaro, faz uma anotação sobre a morte do poeta grego, repete o comentário quando anota “Pindarus lyricorum princeps (i ii 1v)”. Em seguida, lista os nove líricos, anotando também, em alguns casos, a sua origem. Simónides e Álcman mereceram ainda dois apontamentos na margem inferior, ambos extraídos do comentário de Calderini: em um diz-se que Simónides estava “treinado” para fazer brotar as lágrimas; no outro, que Álcman era filho de um

¹⁴ O estudo clássico sobre este tema é D’Arms (1970).

¹⁵ Ver Nauta (2002: 198-201) com bibliografia.

¹⁶ C. McNelis (2002: 67-94); Hardie (1983: 15-36).

espartano e qual a causa da sua morte. Como se parafraseasse a primeira estrofe do poema, o leitor anota “Pindarus regnator lyric[a]e cohortis (i ii 1v)”. Também lhe despertou curiosidade o “myrthus”; anotou “myrtho lyrici coronatus poet[a]e et elegi (i ii 1v)”.

Por último, as *Silvas* 1.5 e 1.6 podem ter seduzido os estudantes de Estácio enquanto documentos culturais. A *Silva* 1.5 descreve as termas de Cláudio Etrusco: a riqueza dos materiais, as várias divisões do complexo, as actividades que este apoia, a área envolvente são descritas com pormenor, de modo hiperbólico e entusiástico, como se se tratasse de um tesouro arquitectónico destinado aos deuses. Não me parece, pois, que tenha sido o destinatário a suscitar o interesse dos leitores, mas sim o tema da composição. Já a *Silva* 1.6 documenta as Saturnais, oferecendo delas a imagem de uma festa quase divina. Estácio canta todos os elementos das festividades: as iguarias, das mais exóticas origens, sempre numa abundância indizível; os espectáculos, com a inversão dos papéis masculino e feminino e os fenómenos quase indescritíveis. A sumptuosidade dos festejos apaga a diferença entre o mundo dos homens e o dos deuses; Domiciano é, em conformidade com a imagem que o próprio incentiva, *dominus et deus*, ou seja, o poder supremo na terra e Júpiter entre os deuses.

3.2 *Cornix vs perdix*: pássaros que falam

A anotação marginal mais interessante refere-se a *Silvas* 2.4, o poema sobre a morte do pássaro de Atédio Mélior (fol. e Ir)¹⁷. Está em causa a listagem de aves que parecem dotadas da capacidade de imitar a voz humana:

huc doctae stipentur aues, quis nobile fandi
ius Natura dedit: plangat Phoebeius ales
auditasque memor penitus demittere uoces
sturnus et Aonio uersae certamine picae
quique refert iungens iterata uocabula **perdix**
et quae Bistonio queritur soror orba cubili

Silv. 2.4.16-21 Courtney

Para aqui acorram as doutas aves às quais a Natureza concedeu o nobre direito de falar: lastime-se a ave de Febo, e o estorninho, capaz de recordar fielmente as palavras que ouviu, e as pegas, transformadas por ocasião do certame Aónio, e a perdiz, que reproduz vocábulos, juntando-os quando os repete; e a irmã que se lamenta, privada do leito Bistónio.

¹⁷ Para uma bibliografia actualizada sobre *Silv.* 2.4 ver Newlands (2011: 180).

Junto ao verso 20, por cima da palavra “perdix”, um anotador escreveu “cornix”¹⁸, deixando ao lado um apontamento em letra muito pequena, quase totalmente ilegível; apenas o final se discerne: “fo. 91”. A indicação de uma variante textual, acompanhada da especificação de um fólio, convida a colocar a hipótese de que o anotador tenha comparado a edição do incunábulo 478 com outra. Ora, sendo “perdix” o texto transmitido em M e quase unanimemente aceite pelos estudiosos das *Silvas*, poderá a rara variante “cornix” ajudar a contar a história da leitura deste incunábulo?

A lição “cornix” é atribuída por Vollmer ao médico, botanista e filólogo francês Jacques Daléchamps (1513-1588)¹⁹. Autor de uma edição da *Historia Naturalis* de Plínio publicada pela primeira vez em Lyon em 1587, Daléchamps cita duas vezes o verso de Estácio, primeiramente em nota a um passo sobre aves inauspiciosas, depois a propósito de aves “que falam” (*N.H.* 10, cap. XII, p. 233; 10, cap. XLII, p. 245). Em ambos os locais, Daléchamps limita-se a reproduzir o verso de Estácio, sem o problematizar; mais relevante ainda é que as citações não são uniformes: no primeiro caso, Daléchamps emprega a variante *cornix*, alterando, em conformidade, o pronome que inicia o verso, *quaeque... cornix*; no segundo caso, cita o verso na versão que conhecemos de M e que consta do incunábulo 478, *quique... perdix*²⁰. Parece difícil defender, pois, que por detrás da lição *cornix* esteja alguma convicção relativamente ao texto de Estácio; o filólogo parece, antes, citar de memória – hipótese, de resto, já colocada por Barth a propósito desta variante²¹ –, ou conhecer uma edição do texto que divirja, pelo menos em *Silv.* 2.4.20, de M.

Circularia, de facto, uma edição divergente de M quanto ao passo em causa. Constitui argumento neste sentido um comentário de Francesco Mario Grapaldi (1465?-1515) no tratado *De partibus aedium*, cuja primeira edição datará de 1494 (Parma). Citando *Silv.* 2.4.20, explica Grapaldi:

¹⁸ É possível associar esta nota marginal, pela cor da tinta, a outra, essa pouco relevante, já que apenas assinala a explicação de um termo empregue em *Silvas* 4.3 (h iii 1r).

¹⁹ Em comentário ao passo, Vollmer (1898: 361-362) considera a proposta sedutora, mas inaceitável.

²⁰ *N.H.* 10. cap. XII, p. 233: *Hinc cornicari Persio, pressa et strangulata uoce mussitare. Satyr. 5. Nescio quid tecum graue cornicaris inepte. Cornicem humanum sermonem discere monstrat hic uersus Papinii in Sylvis, Quique refert iungens iterata uocabula cornix. N.H.10.XLII, p. 245: Papinius in Syluis: plangat Phoebeius ales | auditasque memor penitus dimittere uoces | sturnus et Aonio uersae certamine picae | quique refert iungens iterata uocabula perdix | et quae Bistonio queritur soror orba cubili.*

²¹ Caspar von Barth *apud* Valpy (1824: 247).

Cornix et pisa uoces humanas imitatur: Papinius in Siluis. Quaeque refert iungens iterata vocabula cornix: omnes tamen fere codices Perdix habent: quod etiamnum legi posse ipse crediderim propter perdicis fabulam Ouidianam: Adde quod Serenus illam garrulam appellat, id est, canoram: aut ouum illitum tulerit ... garrula perdix. p. 54 (f. Ilv).

A edição que Grapaldi manuseia apresenta a lição “cornix”; o próprio assinala que esta discorda da da edição “vulgata”, que reproduz a lição de M. A variante registada pelo anotador à margem de *Silv.* 2.4.20 no incunábulo 478 circularia já, pois, no final do século XV, sendo pouco posterior às primeiras edições das recém-descobertas *Silvas*. O reconhecimento deste aspecto não foi suficiente para nos levar à origem da variante “cornix”²², isto é, à edição que o leitor do incunábulo terá manuseado, e que seria um elemento muito importante para traçar o seu perfil.

4. Em síntese

As composições das *Silvas* que maior atenção despertaram parecem apontar para leitores interessados na biografia e no percurso poético de Estácio, na figura de Domiciano e ainda em poemas que documentem fenómenos culturais. Tal atitude perante as *Silvas* coaduna-se, como sugeri, com um momento em que se descobre, a par de uma nova obra, um “novo” Estácio.

Ora, conhecendo nós a circulação de jovens portugueses em Itália, a frequência de cursos e o seu envolvimento em ambientes de estudo ao mais alto nível, gostaríamos de poder associar o incunábulo da BN a personagens concretos. Na ausência de notas independentes do comentário, todavia, é difícil extrair conclusões quanto à identidade e ao ambiente a que pertenciam os leitores que deixaram marcas no incunábulo. O desconhecimento do percurso do incunábulo até à Biblioteca Nacional também não facilita o estudo. Refira-se que aquela instituição preserva outro exemplar da obra, em edição posterior, de 1498, e sem uma única nota de leitura. Seria útil conhecer se o percurso destes dois incunábulos possui algo em comum. Impõem-se, de qualquer modo, algumas conclusões: a existência de marcas de leitura no incunábulo 478 da BN atesta, inelutavelmente, a rápida difusão do interesse pelas *Silvas* e a sua chegada à Península Ibérica. No contexto do estudo da recepção de Estácio na literatura portuguesa, esta afirmação é já um início.

²² Não foi útil a consulta de Cornelissen (1877: 283), que também defende a lição “cornix”, já que o filólogo não menciona Daléchamps ou qualquer outra autoridade que tenha sustentado este ponto de vista.

Bibliografia

- Abbamonte, G. (2003). "Esegesi umanistica alle 'Silvae' di Stazio: Parrasio". *Euphrosyne* 31, pp. 133-153.
- D'Arms, J. H. (1970). *Romans on the bay of Naples. A social and cultural study of the villas and their owners from 150 B.C. to A.D. 400*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- Anderson, H. (2009). *The manuscripts of Statius*, 3 vols. Arlington, Va.: H. Anderson.
- Clark, A. C. (1899). "The Literary Discoveries of Poggio". *Classical Review* 13, pp. 119-130.
- Coleman, K. M. (1998). *Statius. Silvae IV*. London: Bristol Classical Press.
- Cornelissen, J. J. (1877). "Ad Statii Silvas". *Mnemosyne* 5, pp. 277-294.
- Courtney, E. (2008). *P. Papini Stati Silvae*. Oxford: Clarendon Press.
- Daléchamps, J. (1587). *C. Plinii Secundi Historiae Mundi Libri XXXVII*. Lyon: B. Honorat.
- Fera, V. (2002). "Pomponio Leto e le *Silvae* di Stazio". *Schede Umanistiche* 2, pp. 71-83.
- Gibson, B. (2006). *Statius, Silvae 5*. Oxford: Oxford University Press.
- Grapaldi, Francisco Mario (1494?). *De partibus aedium*. Angelus Vgoletus: Parma.
- Hardie, A. (1983). *Statius and the Silvae*. Liverpool: Francis Cairns.
- Martinelli, L. C. (1978). *Angelo Poliziano: commento inedito alle Selve di Stazio*. Florença: Sansoni.
- McNelis, C. (2002). "Greek Grammarians and Roman Society during the Early Empire: Statius' Father and his Contemporaries". *Classical Antiquity* 21, pp. 67-94.
- Mendes, V. (1988). *Biblioteca Nacional. Catálogo de Incunábulo*s. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- (1995). *Os Incunábulo*s das Bibliotecas Portuguesas, Volume 1: Catálogo. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/ Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Nauta, R. R. (2002). *Poetry for patrons. Literary communication in the age of Domitian*. Leiden: Brill.
- Newlands, C. (2012). "Misconceptions about Statius". *Statius, poet between Rome and Naples*. London: Bristol Classical Press, pp. 16-44.
- (2011). *Statius. Silvae II*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Reeve, M. (1983). "Statius". In L. D. Reynolds *et al.* (eds). *Texts and transmission*. Oxford: Oxford Clarendon Press, pp. 394-397.
- Tarrío, A. (2009). *Paisagem e erudição no humanismo português. João Rodrigues de Sá de Meneses: De platano, 1527-1537. Estudo introdutório, edição crítica e notas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valpy, A. J. (1824). *P. Papiri Statii Opera omnia ex editione Bipontina cum notis et interpretatione in usum Delphini*. Londini: A. J. Valpy.
- Vollmer, F. (1898). *Papiri Statii. Silvarum libri*. Leipzig: Teubner.